

Armindo Rodrigues - evocação de um Poeta quase esquecido

Nunca soube ao certo se o que mais me agrada e cativa na poesia de Armindo Rodrigues é a sua evidente força irónica ou a carga lírica e emocional, com evidentes ressaibos lorquianos vislumbrados no conjunto da sua poética, ou a simpatia pessoal que desde sempre tive por quem de algum modo me ensinou a olhar o Mundo para lá das quatro paredes da própria solidão. Guardo do poeta de *Romanceiro* a memória de saber, há largos anos, que pelos caminhos de descoberta de autores que foram e são da minha preferência, muito fiquei a dever a Armindo Rodrigues na leitura de livros por si tão fielmente traduzidos (Malraux, Fournier, Chokolov, entre outros) na paixão e entusiasmo dessas coisas e por ele aprendi desde cedo a olhar e a admirar a "obra poética" de quem, por entre uma certa timidez e humildade, quase pede licença para existir como poeta e nunca foi capaz, pelo correr dos seus quase noventa anos de vida, de abandonar a sua "barricada". E, por entre o convívio silencioso dos poemas, na frontalidade das posições ideológicas, das muitas "histórias" contadas em seu redor, refiz o "mito" de saber da sua existência nos encontros de acaso pelas ruas e livrarias lisboetas do Chiado - a Medicina sempre no caminho do Poeta, numa outra forma de ter voz e estar assim na vida e na poesia.

Médico e poeta ligado à corrente neo-realista desde o seu primeiro livro (*Voz Arremessada ao Caminho*, 1943), Armindo Rodrigues (1904-1993) ergueu ao longo de cinquenta anos de poesia uma *Obra Poética* que, no conjunto dos dezoito volumes, se impõe na fulgurância da sua expressividade e merece ser lida e relida sob outros olhares, não só na perspectiva do próprio alinhamento ideológico, que desde longe se revelou coerente e firme pelas linhas cruzadas de atitudes e posições bem próximas do neo-realismo poético dos anos 40 e 50, mas sobretudo pela importância literária de que toda ela se reveste ou, como afirmara óscar Lopes, ser o Poeta de *Quadrante Solar*, "*adentro do neo-realismo, um atualizador de velhas tradições, sobretudo lírico-epigramáticas e sentenciárias*". Ou no sentido dialéctico de sempre inquirir a realidade social e humana que o rodeava, sabermos ainda que na vida e na poesia sempre Armindo Rodrigues ergueu a sua voz, *falou alto* e com justiça, participou corajosamente no acto de emendar o rumo da História que, como poucos de nós, viveu por dentro nas linhas cruzadas da própria vida e do tempo que lhe coube viver:

*Toda a justiça é injusta, porque julga,
toda a ordem desordem, porque impõe,
toda a verdade errada, porque muda.*

Ora, pela importância poética do seu "exemplo" e ainda na justeza das posições assumidas, na verticalidade de ter sido, ontem e sempre, um grande e bom companheiro de muita gente, Armindo Rodrigues foi um velhoromeiro de quem devo saudar nesta hora de evocação e na releitura de *Quadrante Solar*, neste modo de o reencontrar e ver que à sua volta não anda hoje muita gente ou os leitores não lhe fazem muita companhia. Mas se a vida defendeu o Poeta e nos consente, para nosso íntimo prazer, se possa escutar a voz que ainda se ergue na defesa de valores que em consciência não traiu, e no sonho com que encheu as horas do seu fadário ("*O sonho e a vigília andam a par*).

/ A par o que se nega se promete. / Nada é nada, se apenas se afirmar"), só nos resta estender a mão em saudação fraterna e reler alguns dos poemas de Armindo Rodrigues que nos ficaram como memória de quem, mesmo na forma tão desejada de um sincero ou propositado "apagamento" pessoal, continua a desdobrar-se no caminho, na certeza de que o eterno mistério da poesia (e da vida) se alcança ainda neste mundo. E em memória de Jacinto do Prado Coelho, grande estudioso da literatura portuguesa, evocar estas suas palavras sobre o poeta de *Romanceiro*:

"Voltada ideológica e emocionalmente para o futuro, trazendo até nós, viva, uma longa e variada tradição, a obra de Armindo Rodrigues parece querer significar que não é arrancando as raízes culturais dum povo que o seu futuro se constrói".

Por último, dizer que Armindo Rodrigues não merecia estar assim tão esquecido e, ao abrir por acaso um dos volumes da sua *Obra Poética*, parar intencionalmente nesta *Ode ao Tejo* e dizer com o Poeta, fitando o rio largo e longo que nos corre aos pés, por entre certos sinais de tristura e desencanto, mas também de esperança redescoberta, na lembrança saudosa desses dias de Abril já quase perdido de vista:

*Náufrago entre o passado e o futuro,
um conjuro-o, o outro tento-o depreender.
Mas a ambos os vejo sem os ver.
O que passou faz-me a memória escuro.
O que virá como o hei-de merecer?
(...)*

*Mudos voltamos ao Rossio onde
há sempre um vão rumor de gente vã.
Toma-me a alegria brusca e sã.
Também depois da noite que nos esconde*

Romperá uma lúcida manhã.

Serafim Ferreira

Armando Rodrigues
QUADRANTE SOLAR
ED. Imprensa Nacional-Lisboa, 1984